

ENSINO DE BIOLOGIA: PRÁTICA AVALIATIVA FRENTE AOS INSTRUMENTOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

David Espinola Batista(1); Walkíria Pinto de Carvalho(2).

Universidade Federal da Paraíba

david_jpbr@yahoo.com.br

(1) Graduando de Ciências Biológicas Campus I – UFPB

(2) Orientadora Campus I - UFPB

Resumo

A avaliação da aprendizagem está presente na vida cotidiana desde os tempos primitivos, na qual as tribos indígenas costumavam avaliar os jovens para classificá-los como adultos. Os jesuítas tiveram forte influência para que a avaliação fosse incorporada ao sistema educacional do Brasil e, desde 1950, nosso país tem sido alvo de grandes pesquisas na área da educação, em principal, na avaliação. A avaliação da aprendizagem é de extrema importância na garantia da construção do aprendizado, porém vem sendo utilizada apenas como forma de mensuração do conhecimento dos alunos. O presente trabalho teve como objetivo analisar a prática avaliativa no ensino de Biologia através dos instrumentos avaliativos utilizados em sala de aulas pelos professores. O público-alvo desta pesquisa compreendeu três professoras de Biologia e cento e sessenta e dois alunos do Ensino Médio do Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário, localizado no bairro do Pedro Gondim, na cidade de João Pessoa, e foi desenvolvida por alunos de graduação de Ciências Biológicas. Foram utilizados como pressupostos teórico-metodológicos os fundamentos da Pesquisa Quantitativa e Pesquisa Qualitativa, por meio da Observação Participante e moldes de um Projeto de Pesquisa, tendo como base o Método Etnográfico. A coleta dos dados se deu por meio de questionário composto por questões subjetivas e objetivas, aplicado com professoras e alunos. A avaliação dos dados qualitativos ocorreu por meio da análise de conteúdo, segundo Bardin (1979) e Franco (2012), tendo as respostas agrupadas em categorias e os dados representados por meio de gráficos e porcentagens. Os dados quantitativos foram calculados com a utilização do Excel. Foi possível observar que os professores utilizam uma pequena variedade de instrumentos avaliativos, priorizando sempre o uso de testes escolares. Conclui-se a partir disso que os objetivos propostos da pesquisa foram alcançados e que para que o processo de ensino-aprendizagem seja garantido e eficaz são necessárias mudanças nas posturas docentes e avaliativas dos docentes.

Palavras-chave: Ensino de Biologia, Instrumentos Avaliativos, Avaliação da Aprendizagem.



Introdução

A educação é considerada como um dos setores mais importantes para o desenvolvimento de uma nação, pois é através da produção do conhecimento que um país pode crescer, aumentando sua renda e qualidade de vida das pessoas. Sabe-se que o Brasil avançou muito neste setor, mas que ele ainda se encontra distante do nível necessário para ser considerado um país com uma boa educação. O papel do professor tem sido cada vez mais valorizado em nossa sociedade, e com isso os mesmos estão utilizando novos métodos de ensino, a fim de garantir o aprendizado de todos os envolvidos.

A escola deve ser um canal de intercâmbio entre o conhecimento científico e o popular e por isso a necessidade de abordagem coerente de todos os temas, e uma correta forma de se avaliar o conhecimento/aprendizagem. Um projeto de educação para nação deve ser pautado no respeito entre os cidadãos e nas múltiplas possibilidades de opiniões e personalidades dos indivíduos.

A avaliação está presente no nosso dia a dia, em todos os momentos, ainda que de forma superficial. Segundo Vasconcellos (2009, p. 29):

O ato de avaliar na vida cotidiana dá-se permanentemente pela unidade imediata de pensamento e ação, a partir de juízos, opiniões assumidas como corretas e que ajudam nas tomadas de decisões. Ao fazer juízo visando a uma tomada de decisão, o homem coloca em funcionamento os seus sentidos, sua capacidade intelectual, suas habilidades, sentimentos, paixões, ideais e ideologias. Nessas relações estão implícitos não só aspectos pessoais dos indivíduos, mas também aqueles adquiridos em suas relações sociais.

Desde os tempos primitivos, para que os jovens de tribos e comunidades fossem considerados adultos, precisavam passar por um processo de avaliação, e se preenchessem determinados critérios, podiam ser considerados adultos de fato.

Os jesuítas tiveram bastante influência no que diz respeito à entrada da avaliação da aprendizagem no Brasil. A “Ratio Studiorum”, promulgada em 1959, apresentava normas e propostas pedagógicas, que dessem a todas as escolas jesuítas uma configuração comum.

De acordo com Chaves (2003), a partir do século XX, a avaliação formal ocorria em sua grande maioria, por meio de testes, atribuindo ao processo avaliativo um caráter meramente instrumental.

Segundo Méndez (2002, p.98), “mais que o instrumento, importa o tipo de conhecimento que põe à prova, o tipo de perguntas que se formula, o tipo de qualidade (mental ou prática) que se exige e as respostas que se espera obter conforme o conteúdo das perguntas ou problemas que são formulados”.

Dentre as razões que levaram à implementação desta pesquisa destacaram-se: a necessidade de verificar a visão dos professores e alunos em relação à variedade de instrumentos de avaliação existentes; o rompimento do modelo tradicional de avaliação por meio exclusivo de testes, sendo o aluno sempre um sujeito passivo na construção do seu conhecimento; a busca sobre os tipos de instrumentos avaliativos que vêm sendo utilizado nas escolas públicas brasileiras; a compreensão de quais são os critérios utilizados pelos professores para escolha e análise dos instrumentos avaliativos.

Os instrumentos de avaliação são ferramentas utilizadas nas escolas, que têm como objetivo a verificação e análise de dados no processo ensino-aprendizagem, visando a verificar o nível de aprendizagem dos alunos (BATISTA, 2017).

Para que a avaliação cumpra o seu papel no processo ensino-aprendizagem, é necessária a aplicação de instrumentos que sejam coerentes e que garantam, de fato, uma avaliação justa e correta. Segundo Penna Firme e colaboradores (1998), as características de um bom instrumento de avaliação são a fidedignidade, que diz respeito à coerência interna; validade, relacionada à coerência externa; objetividade, que corresponde à imparcialidade do avaliador e praticidade que se refere à facilidade de interpretação, aplicação e correção do instrumento.

Na realidade das escolas atuais, ainda é limitada a variedade no uso dos instrumentos avaliativos em sala de aula. Observa-se como uso comum a aplicação de testes escolares e fichas de avaliação para aplicação da técnica de seminários ou simplesmente o uso do critério relativo, em que há a comparação entre a apresentação dos alunos ou dos grupos que se apresentaram, sem a adoção de critérios de avaliação previamente elaborados e ou acordados com os alunos. Em algumas instituições, pode-se observar a presença de análises de caso e mapas conceituais.

Diante do exposto, as atividades previstas no projeto, já realizadas, tiveram como principais objetivos: identificar os instrumentos avaliativos utilizados no ensino de Biologia; verificar como se dá a elaboração, aplicação e apreciação dos instrumentos de avaliação pelos docentes; analisar o uso de critérios na escolha dos instrumentos, bem como a relação entre esses e as limitações da avaliação frente à qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido durante os meses de Janeiro a Maio de 2017 no Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário (CEEEA Sesqui). Esta escola faz parte da rede pública de ensino da cidade de João Pessoa (PB). Essa pesquisa teve como público

alvo três professores de Biologia e cento e sessenta e dois alunos das três séries do ensino médio (figura 02). Ao todo, foram contabilizadas seis turmas com faixa etária entre 15 e 18 anos.

Foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Qualitativa, Pesquisa Quantitativa e Pesquisa de Campo, por meio do Método Etnográfico com elementos da Etnografia Escolar e Observação Participante. A coleta dos dados se deu também por meio de questionários com alunos e professores.

A pesquisa teve início durante os meses Janeiro e Fevereiro de 2017 para o levantamento bibliográfico, em livros, artigos de periódicos, teses, dissertações e sites. No mês de fevereiro de 2017, foram iniciadas as atividades na escola com os sujeitos envolvidos, a partir de uma aplicação de um questionário estruturado com questões que abordavam os instrumentos de avaliação com simultânea prática da observação participante, junto ao registro escrito teórico-metodológico que requer um trabalho dessa natureza.

A avaliação dos dados qualitativos ocorreu por meio da análise de conteúdo, segundo Bardin (1979) e Franco (2012), tendo as respostas agrupadas em categorias e os dados representados por meio de gráficos e porcentagens, com utilização do método comparativo entre as respostas dos professores e alunos. Acrescenta-se que os dados quantitativos foram calculados com a utilização do Excel.

Resultados e discussão

Resposta do Questionário dos Professores

Foram pesquisados três professoras da disciplina de Biologia, em que as mesmas foram identificadas pelo número referente à série do ensino médio a qual eles pertencem, sendo, portanto: P1- professora da 1ª série; P2- professora da 2ª série; P3- professora da 3ª série. As respostas das professoras envolvidas podem ser representadas categoricamente segundo a tabela 01:

Quadro 01: Respostas das Professoras Pesquisadas.

Temática / Professoras	P1	P2	P3
Postura Avaliativa x Instrumentos	Sem Resposta	Fusão da Prática Docente e Avaliativa	Instrumentos Condizentes
Instrumentos Avaliativos Utilizados	Seminários – Exercícios – Estudos Dirigidos	Provas e Relatórios	Prova
Crítérios na Escolha dos Instrumentos e Prática Avaliativa	Perfil da Turma	Habilidades e Competências	Relevância Aplicabilidade Tempo

Características de um Bom Instrumento Avaliativo.	Clareza Objetividade	Aspectos Qualitativos	Privilegia Aprendizagem Significativa	a
---	-------------------------	-----------------------	---------------------------------------	---

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

A partir da análise do quadro 01, no que diz respeito à relação dos instrumentos utilizados em sala de aula e a postura avaliativa da professora, é possível observar que a professora identificada por P1 não compreendeu a questão e não apresentou uma resposta. As professoras P2 e P3 selecionaram o item “sim”, mostrando que elas procuram unir o tipo de postura avaliativa que utilizam em suas aulas com os instrumentos de avaliação, porém, para P2 o termo prática avaliativa e docente tem a mesma conotação, ou seja, a docente não soube diferenciar docência com avaliação, em termos práticos, possivelmente por não ter vasto conhecimento sobre a teoria da avaliação da aprendizagem. P3 reafirma seu conhecimento na temática e se vale de instrumentos condizentes com a sua realidade.

Para Luckesi (1994) a avaliação deve ser o momento em que o professor olha para a sua postura avaliativa, verifica e analisa a sua prática, e torna-a mais coerente com a realidade a qual está inserido. Em outras palavras, é fundamental para o professor praticar uma avaliação que siga a sua forma de avaliar, sem que haja impactos, sejam eles positivos ou negativos, para os alunos envolvidos.

Em relação aos instrumentos utilizados, é possível notar que não há uma grande variedade no uso dos instrumentos na hora de avaliar. Isto se dá muitas vezes pela própria imposição do sistema escolar, que não permite que o professor utilize instrumentos diferenciados ou “incomuns”, sendo os docentes obrigados a seguir o que foi programado e decidido pela gestão da escola.

Basicamente, são utilizados provas, exercícios, seminários, relatórios e estudos dirigidos. Não há a ocorrência de instrumentos alternativos, como análise de caso, mapa conceitual e outros mais modernos. O objetivo principal da aplicação desses instrumentos é a obtenção de uma nota, que classifica o aluno em uma escala de números.

Para Depresbiteris (1997), a nota dada aos instrumentos aplicados funciona como uma forma de impor poder por parte dos professores sobre os alunos, e assim, ela não retrata verdadeiramente a aprendizagem ocorrida pelos discentes.

No que diz respeito à escolha dos critérios a serem utilizados em sala de aula, para professora P1 esses variam de acordo com o perfil da turma, mas a mesma não informa quais os critérios para a escolha dos seus instrumentos. Para P2 os seus critérios são baseados nas garantias

das habilidades e competências dos estudantes; P3 adota os seguintes critérios: relevância, aplicabilidade e tempo (quanto tempo para que ele possa ser aplicado).

Deve-se tomar cuidado para que os critérios sejam escolhidos e informados aos alunos antes das avaliações. O uso de critérios deve ser pautado na busca da qualidade da aprendizagem e não deve ser utilizada como autoritarismo do professor. Os critérios estão conectados com os objetivos a serem alcançados pelos alunos e devem transmitir um padrão de desempenho (LUCKESI, 1984).

Por fim, os professores foram perguntados sobre quais são as características de um bom instrumento avaliativo. Assim, para P1, um bom instrumento é aquele que possui clareza e objetividade; P2 aponta a garantia de uma análise qualitativa como uma característica positiva e para professora P3 todo instrumento que promove uma aprendizagem significativa é considerado bom.

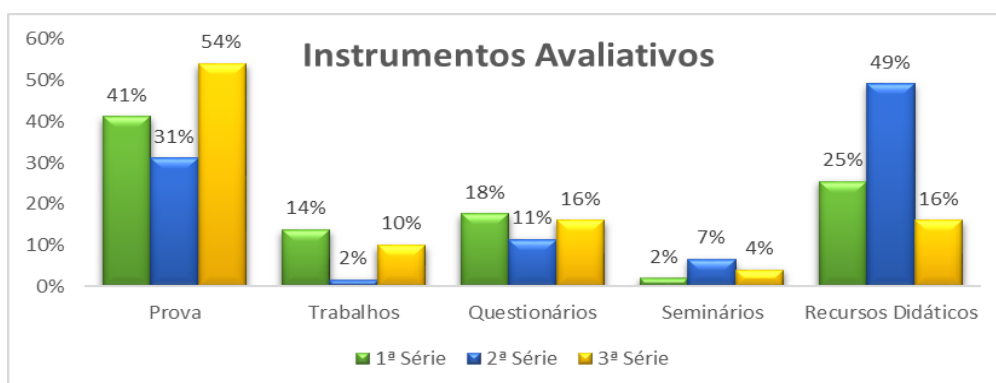
Romão (2008) define a objetividade como: a constatação e registro de algo a ser medido. Para este autor, os instrumentos de avaliação, que buscam a medida ou mensuração de algo, devem ser questionados quanto a sua objetividade, uma vez que a educação não deve ser pautada em uma mensuração redigida.

Respostas do Questionário dos Alunos

Os alunos podem ser identificados conforme a sua série a partir das seguintes siglas: A1 – Aluno da primeira série; A2 – Aluno da 2ª série; A3 – Aluno da 3ª Série.

Questão n° 1: Quais são os instrumentos avaliativos que seu professor utiliza em suas aulas?

Gráfico 01: Respostas dos alunos com relação à questão terceira do questionário.



Fonte: BATISTA, D. E. 2017.

A partir da observação do gráfico 01 é possível afirmar que o instrumento mais utilizado nas aulas de biologia atuais ainda é a convencional prova que, para muitos, é um instrumento que limita a análise do conhecimento dos alunos. Assim, o uso deste instrumento foi citado por 41% dos

pesquisados na 1ª série, seguidos por 31% da 2ª série e 54% na terceira série. Na fala dos alunos, temos: “A professora aplica prova no final de cada conteúdo” (A1); “A avaliação é por meio de provas” (A2); “Provas” (A3). Nota-se uma maior abordagem deste instrumento na 3ª série e isto ocorre, possivelmente, por se tratar de uma turma de pré-vestibular que necessita de instrumentos que simulem a realidade das provas para o ingresso nas universidades.

Quando o professor limita a avaliação a um sistema único e exclusivo de provas, ele provoca um processo de negação do objetivo principal da avaliação. Quando se limita à construção e à aplicação de outros tipos de instrumentos, como os escritos, a avaliação torna-se dependente de técnicas únicas para estas atividades (RAPHAEL, 1993).

Krasilchik (2004) afirma que um dos pontos mais importantes no processo avaliativo é a decisão de quais instrumentos serão utilizados para verificar o nível de aprendizagem e conhecimento do aluno e o mais comum no ensino de Biologia é a prova.

A segunda categoria criada foi “Trabalhos”, na qual foram classificadas as respostas em que os alunos afirmavam que o instrumento utilizado pelo seu professor para medir seu conhecimento eram trabalhos, sem especificação de quais instrumentos de avaliação eram. Se comparado com o uso de provas, os trabalhos ocorrem com uma menor frequência nas aulas de biologia. Segundo 14% dos alunos da 1ª série, esse é o instrumento mais utilizado pela sua professora na avaliação da aprendizagem, em contrapartida, para 2% dos estudantes da 2ª série, este instrumento quase nunca é utilizado na prática de sua professora. Na 3ª série, 10% dos alunos apontaram o “trabalho” como instrumento de avaliação aplicado pelo docente.

Na terceira categoria “Seminários”, que é uma técnica de ensino e não um instrumento de avaliação, como foi denominado assim por alguns docentes e discentes na pesquisa, foram incluídas as respostas em que os alunos mencionavam a avaliação oral como instrumento utilizado pelas suas professoras durante as suas práticas avaliativas. Poucos foram os alunos que afirmaram ser avaliados por meio de seminários, ou melhor, por ficha/registro escrito frente à observação nos seminários, nas aulas das professoras de biologia, em todas as turmas, sendo, então, esta categoria representada segundo 2% dos alunos da 1ª série, 7% dos alunos da 2ª série e 4% da 3ª série. Esses dados podem ser confirmados na fala dos estudantes: “Atividades como o trabalho” (A1); “Trabalhos” (A2); “Trabalhos e apresentação de trabalhos” (A3).

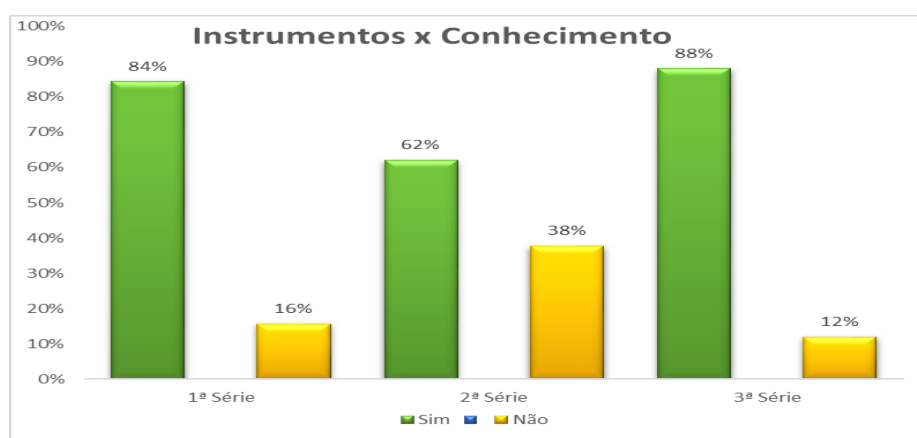
Na categoria “Recursos Didáticos”, foram enquadradas as respostas que fugiam do conceito de instrumentos de avaliação. Para os alunos que responderam desta forma, instrumentos avaliativos e recursos didáticos (slides, livros, filmes) têm o mesmo significado. Essa fusão de conceitos

ocorreu de acordo com 25% dos discentes da 1ª série, 49% da 2ª série e 16% da 3ª série, conforme pode ser observado no gráfico 01. Para os alunos “*Ela usa slides, data show*” (A1); “*Vídeos, quadro*” (A2); “*Slides*” (A3).

Para Moretto (2002), a avaliação deve ser feita de formas distintas, por meio de diferentes instrumentos que garantam a verdadeira investigação da aprendizagem dos alunos. Mas, o que mais se observa na cultura atual é a presença marcante do uso de provas escritas e/ou objetivas.

Questão nº 2: Para você, os instrumentos avaliativos utilizados pelo professor avaliam adequadamente o seu conhecimento? Por quê?

Gráfico 02: Respostas dos alunos com relação à questão sexta do questionário.



Fonte: BATISTA, D. E., 2017.

Na sexta questão, objetivou-se compreender a visão dos alunos frente aos instrumentos utilizados pelos professores no que tange à avaliação do seu conhecimento.

A partir da análise dos questionários, foi possível classificar as respostas dos alunos em três categorias, sendo o “Sim”, “Não” e “Às Vezes” com relação à primeira parte da pergunta. Após, foram criadas novas categorias dentro dessa divisão.

Como observado no gráfico 02, 84% de um total de cinquenta e um alunos da 1ª série, responderam que sim na sexta questão. Na 2ª série, esse número foi bem menor se comparado com as demais, e apenas 62% de um total de 61 estudantes responderam que sim. Na 3ª série, esse número voltou a subir e o sim foi representado por 88% dos 50 que foram pesquisados.

Nos questionários com respostas do tipo “Sim”, todos afirmaram ter seu conhecimento avaliado da forma correta pelos instrumentos utilizados pela sua professora, pode-se classificar essas respostas numa categoria chamada de “verificação do conhecimento”, como pode ser observado a seguir na fala dos alunos: “*Sim, porque as provas são para testar se o aluno sabe e as atividades são para reforçar o que ela deu em sala*” (A1); “*Sim, pois ela faz diversos teste e trabalho suficientes para ter diversas chances*” (A1); “*Sim, é questionado o que foi aplicado na*

sala de aula” (A2); “Sim, é um método que vai avaliar não só o conhecimento do aluno mais o que ele faz dentro da sala de aula” (A2). Nessa fala, é possível inferir que para a aluna, o instrumento utilizado por sua professora, além de verificar o conhecimento do conteúdo, analisa também a postura do aluno em sala de aula. Ainda temos “Sim, porque é através dos trabalhos e provas que os professores avaliam e ver seu conhecimento” (A3).

Para Pais e Monteiro (1997), no processo avaliativo, é de extrema importância promover uma diversificação dos instrumentos e técnicas, uma vez que as turmas possuem uma variedade de alunos, com culturas distintas e formas diferentes de agir e pensar. Para os autores, a única forma de o professor avaliar corretamente o nível de conhecimentos dos seus alunos é promovendo a variação dos instrumentos e procedimentos didáticos.

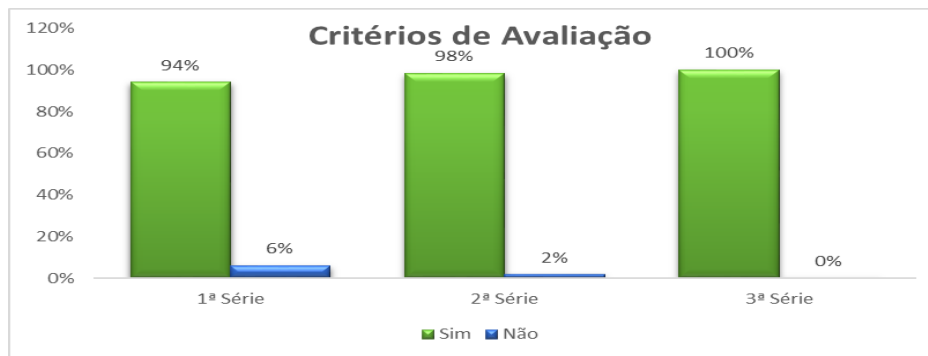
O professor deve estar sempre verificando o nível de aprendizado dos seus alunos, observando os acontecimentos individuais de cada aluno. Não é suficiente, portanto, apenas a ministração de aulas e a transmissão de conteúdo (CAVALCANTI NETO et al, 2009).

No Gráfico 2, observa-se também as respostas categorizadas em “Não” acerca da correlação entre instrumentos e conhecimento. Na 1ª série, apenas 16% de um total de 51 pesquisados, apresentaram o “não” como resposta para a questão seis. Para eles, é importante que o professor varie os seus instrumentos, a fim de garantir a correta análise do conhecimento dos seus alunos. “Não, pois tem pessoas que se dão melhor com uma prova prática do que teórica” (A1). Na 2ª série, observa-se uma maior frequência de respostas negativas, sendo representadas por 38% dos 61 pesquisados. Para esses alunos, o instrumento utilizado pelo professor deve levar em consideração os problemas pessoais e ter fins qualitativos e não apenas quantitativos. Na fala de um deles “Não, por muitas vezes não levarem em consideração nosso problemas pessoais” (A2). Para 3ª série, o “não” apareceu em 12% dos 50 alunos submetidos a esta pesquisa. “Não, nem sempre as provas são bons métodos de avaliação” (A3). Com o que foi mencionado pelo estudante, pode-se dizer a utilização de provas limita a análise do conhecimento do aluno, devendo ser priorizado o uso de instrumentos diversificados.

Para Perrenoud (1999), o objetivo da avaliação é auxiliar o aluno no seu processo de aprendizagem e garantir ao professor a melhor maneira de ensinar, cabendo ao docente, por meio da avaliação, analisar de que forma e em que nível os objetivos estão sendo alcançados.

Questão n° 3: Você é informado por quais critérios você será avaliado?

Gráfico 03: Respostas dos alunos com relação à questão quinta do questionário.



Fonte: BATISTA, D. E., 2017.

Com a quinta questão do questionário buscou-se compreender se as professoras informam aos seus alunos, por quais critérios avaliativos elas vão apreciar os instrumentos aplicados na sua prática avaliativa.

As respostas dos alunos foram classificadas em “Sim” ou “Não”, conforme pode ser observado no gráfico 03, em que o “sim” representa que os estudantes conhecem os critérios por quais serão avaliados, e o “não” que eles não conhecem esses critérios.

Desta forma, 94% dos alunos da 1ª série informaram que sua professora costuma falar sobre os critérios que ela utiliza para avaliar seus alunos e isto também foi observado na 2ª série por meio da resposta positiva de 98% dos pesquisados. Na 3ª série, todos os alunos afirmaram que há o estabelecimento prévio de critérios avaliativos pela sua professora.

A utilização de critérios nas práticas avaliativas pode ser confirmada pelas respostas apresentadas pelas professoras das três séries envolvidas na pesquisa, as quais foram citadas neste trabalho. Com exceção da professora da primeira série, que se demonstrou confusa em sua resposta, as demais docentes afirmaram estabelecer critérios na hora de avaliar, e ainda citaram algum deles.

Para Barbosa e Alaiz (2010), alguns questionamentos devem ser levantados na hora da escolha dos critérios, como: Quais aspectos são importantes na execução do trabalho? O que não pode faltar? O que é esperado nas respostas dos alunos?

O “não” apareceu apenas nas turmas da 1ª e 2ª série, representando, respectivamente, 6% e 2% do total de pesquisados em cada série. Provavelmente, esses alunos que deram o “não” como resposta não têm conhecimento da temática ou não souberam o significado da palavra critérios na hora de avaliar, respondendo a questão desta forma.

Ao se utilizar critérios absolutos, o professor torna a sua avaliação mais natural e permite que todos os envolvidos neste processo participem ativamente na construção das ferramentas do ensino e na aprendizagem. Assim, os critérios funcionam como objetos norteadores da prática

docente e da aprendizagem dos alunos, assumindo assim, uma perspectiva formativa (HADJI, 1992).

Conclusão

Com base nos resultados apresentados nesta pesquisa, chegaram-se às seguintes conclusões:

Observa-se que a prova ainda é o instrumento mais utilizado pelos professores, ocorrendo com uma menor frequência a aplicação de “trabalhos”, questionários e raros seminários.

A apreciação e correção dos instrumentos aplicados em sala de aula ainda são pautadas na busca pela nota final, ou seja, toma-se como base a mensuração dos dados obtidos e classificação representada por números.

É possível identificar o uso de critérios na escolha dos instrumentos avaliativos e na prática avaliativa dos docentes. Porém, nota-se que a escolha desses critérios não é consensual, embora os alunos sejam informados pelos docentes no momento em que são submetidos à aplicação do instrumento de avaliação.

Conclui-se, assim, que é importante que os professores revejam suas práticas pedagógicas e avaliativas, para que seja possível a promoção de um processo de ensino e aprendizagem cada vez mais justo. Espera-se que este trabalho motive a realização de outros dentro da mesma temática, uma vez que se faz necessário continuar abordando esse tema para que seja reforçada a necessidade de mudança da avaliação no contexto escolar.

Referências

BARBOSA, J.; ALAIZ, V. **Explicitação de Critérios – exigência fundamental de uma avaliação a serviço da aprendizagem.** Disponível em: <http://www.dgicd.min-edu.pt/secundario/Documents/explicitacao_criterios.pdf> . Acesso em: 09. mai. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70; 2011.

BATISTA, A.M.P. **Critérios de avaliação com enfoque no Ensino Médio.** Secretaria do Estado de Educação do Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.nre.seed.pr.gov.br/londrina/arquivos/File/5criteriosavaliacao.pdf>> . Acesso em: 09. mai. 2017.

CAVALCANTI NETO, A. L. G.; AQUINO, J. L. F. **A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica?** Educ. rev., Belo Horizonte, v. 25, n. 02, ago. 2009. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/edur/v25n2/10.pdf>. Acesso em: 10. mai. 2017.

CHAVES, S. M. **A avaliação da aprendizagem no ensino superior: realidade, complexidade e possibilidades.** Programa de Pós Graduação em Educação; Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 2003.

DEPRESBITERIS, L. **Avaliação da aprendizagem:** Revendo conceitos e posições. Em C. P. Sousa (Org.), *Avaliação do rendimento escolar* (6ª ed.; pp. 51-79). Campinas: Papyrus, 1997.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo.** 4ª ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

HADJI, C. **L'évaluation des actions éducatives.** Paris: puF, 1992.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia.** 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação educacional escolar;** para além do autoritarismo, *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro. ABT, 13 (61): 6-5, nov./dez., 1984.

Méndez, J. M. A. **Prova:** um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORETTO, V. P. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PAIS, A; MONTEIRO, M. **Avaliação: uma Prática Diária.** Lisboa: Presença, 1997.

PENNA FIRME, T. **Avaliação docente e do ensino.** Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

PERRENOUD, P. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RAPHAEL, H. S. **A avaliação em salas de aulas públicas: buscando sua compreensão.** (Dissertação de Mestrado). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, 1993.

ROMÃO, J. E. **Avaliação Dialógica; desafios e perspectivas.** São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

VASCONCELLOS, M. M. Maura. **Avaliação & ética.** 2. ed. Londrina: Eduel, 2009.